
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Momento de Reflexão; 2 - Integração de Abelhas em Agroflorestas de Fruticultura; 3 - Sementes nativas: aroeira-pimenteira é um sucesso; 4 - Apicultor alagoano faz mel tipo exportação; 5 - Mel de Picos tem Certificado em Comércio Justo; 6 - Os benefícios da geléia real; 7 - Irmãs abelhudas vestem roupa com 30 mil insetos; 8 - TO: pesquisa pretende identificar plantas que favorecem a apicultura tocantinense; 9 - Site interessante; 10 - Produção de mel em Ortigueira é case de sucesso na AgroEx, em Londrina/PR; 11 - COMENTÁRIOS DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DA CBA SOBRE A REPORTAGEM DO PROGRAMA DO FAUSTÃO SOBRE AS ABELHAS AFRICANIZADAS COMO O ANIMAL MAIS PERIGOSO DAS AMÉRICAS, EM 31/01/2010, E SOBRE O PAPEL DAS ABELHAS APIS MELLIFERA (ABELHAS AFRICANIZADAS) NA APICULTURA E NA AGRICULTURA.

1 - Momento de Reflexão

'A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê, perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê, já passaram-se 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado.

Se me fosse dado, um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho, a casca dourada e inútil das horas.

Desta forma, eu digo: Não deixe de fazer algo que gosta devido à falta de tempo, a única falta que terá, será desse tempo que infelizmente não voltará mais.' - Mário Quintana

2 - Integração de Abelhas em Agroflorestas de Fruticultura

Luis Fernando Wolff - Pesquisador da Embrapa Clima Temperado - Os SAFs são sistemas de uso da terra nos quais espécies arbóreas e arbustivas perenes se desenvolvem em associação com plantas frutíferas, lavouras, pastagens ou criações. São uma realidade concreta da construção de um novo conhecimento que parte da interação entre as biodiversidades ecológicas e socioculturais locais com os saberes dos produtores e dos técnicos envolvidos no processo de desenvolvimento.

SAFs apícolas, por sua vez, são aqueles sistemas agroflorestais em que estão envolvidas criações de abelhas melíferas africanizadas ou de abelhas indígenas sem ferrão, junto a sistemas de produção agroflorestais diversos. SAFs envolvendo a criação de abelhas são usuais em certas regiões do mundo e especialmente apropriados para locais declivosos e inadequados ao manejo intensivo dos solos, tornando-se o mel um importante produto dentro do agroecossistema.

Desenhos específicos para maximizar a produção pelas abelhas podem ser planejados em sistemas de produção agroflorestal, incluindo espécies que florescem em diferentes períodos, floradas específicas para a obtenção de méis típicos ou monoflorais, distribuições espaciais adequadas das árvores para seu maior florescimento e proteção climática às colmeias.

A transição agroecológica no pomar é um processo de mudança gradativa que se inicia com a redução de insumos de capital intensivo e avança para o uso de insumos de baixo impacto, mas busca atingir o redesenho das práticas produtivas, onde produtores e agroecossistema dependam cada vez menos de insumos externos e aproveitem da melhor forma os fluxos de energia e materiais que circulam no sistema.

A criação de abelhas integrada a sistemas agroflorestais desponta como uma atividade agropecuária que gera impactos sociais, econômicos e ambientais de relevância para o desenvolvimento local e regional. SAFs apícolas favorecem a sustentabilidade da propriedade frutícola e podem adequar-se ao sistema de manejo adotado nos pomares, interferindo pouco na ocupação de área e exigência de mão de obra, não impondo rigidez no momento de execução de suas atividades e se ajustando às demais tarefas da propriedade. O mel é um alimento de extraordinário valor nutritivo e medicinal, podendo inclusive se tornar um produto importante nas receitas do empreendimento frutícola.

A transição agroecológica no pomar é um processo de mudança gradativa que se inicia com a redução de insumos de capital intensivo e avança para o uso de insumos de baixo impacto, buscando atingir o redesenho das práticas produtivas, no qual produtores e agroecossistema dependam cada vez menos de insumos externos e aproveitem os fluxos de energia e materiais que circulam no sistema.

Pomares podem se tornar sistemas agroflorestais pela simples inserção de consórcios entre as fruteiras e outras espécies arbóreas, herbáceas ou arbustivas cultivadas. Porém, sob uma perspectiva agroecológica, os sistemas agroflorestais mais apropriados e desejáveis são aqueles que se aproximam da dinâmica sucessional encontrada na vegetação arbórea original, baseando-se em sua estrutura e funcionalidade, copiando seus processos naturais e tratando de atender as demandas humanas de modo sustentável ao longo do tempo.

Tais associações entre as árvores frutíferas e outros componentes do sistema, em arranjos espaciais ou rotacionais, configuram-se como interações de valor ecológico e econômico. As abelhas melíferas africanizadas e as abelhas indígenas sem ferrão tiram grande proveito destes sistemas, favorecendo, em contrapartida, a polinização, melhorando a frutificação efetiva e o tamanho dos frutos, a biodiversidade e a sustentação do agroecossistema frutícola, promovendo ganhos de produtividade para diversas espécies frutíferas.

Fonte: Toda Fruta - Jaboticabal/SP - Notícias - 27/01/2010 - <http://miti.com.br/ce2/?a=noticia&nv=3MLTXwyXSW0NY34mpVdiPg>

3 - Sementes nativas: aroeira-pimenteira é um sucesso

Conhecida popularmente como aroeira-vermelha, a *Schinus terebinthifolia* está entre as espécies mais vendidas pelo IBFLORESTAS em 2009. Foram coletados 250 kg de sementes e vendidos 100 kg. A espécie brasileira, também conhecida popularmente como aroeira-mansa, aroeira-precoce, aroeira-negra, aroeira-branca, aroeira-do-campo, aroeira-do-sertão é ideal para o reflorestamento de áreas degradadas.

Além disso, ela possui grande capacidade de adaptação e é bastante versátil, podendo ser utilizada para diferentes finalidades. A árvore da espécie é de pequeno a médio porte, capaz de alcançar de cinco a nove metros de altura. As pequenas flores de cor branco-esverdeada se tornam uma fonte rica de pólen para as abelhas. Os frutos, pequenas drupas esféricas, rosadas a avermelhadas, alimentam aves silvestres e podem ser utilizados como condimento na culinária. Sua ocorrência se

dá em grande parte do território nacional, de Pernambuco até o Rio Grande do Sul, em várias formações vegetais.

O IBF (Instituto Brasileiro de Florestas) cultiva cerca de 180 espécies florestais nativas e de um universo de 100 mudas plantadas, 20 devem ser de aroeira, que pode ser usada nas áreas de preservação permanente ou nas áreas destinadas à reserva legal.

E além da madeira, a aroeira-mansa dá a pimenta-rosa, muito popular na França, onde é utilizada na ornamentação e tempero de preparações culinárias por seu sabor levemente picante e adocicado. Na foto, que vi no blog Árvores Vivas, a aroeira-rosa era usada na arborização urbana, como esta que estava à marginal Tietê antes das obras de ampliação das pistas.

Por seu porte médio, a árvore também pode ser utilizada como cerca-viva. Nos viveiros, suas mudas são muito apreciadas já que suas características permitem que ela seja usada para o reflorestamento de áreas degradadas. Especialistas sugerem também o uso da espécie *Schinus terebinthifolius*, das mais adaptáveis aos solos pobres e secos. Além disso, a planta cresce rapidamente, multiplica-se facilmente por estacas e sementes e é muito resistente ao estresse hídrico.

Informações científicas: * Nome Científico: *Schinus terebinthifolius*; * Sinonímia: *Schinus mucronulata*, *Schinus weinmanniifolius*, *Schinus riedeliana*, *Schinus selloana*, *Schinus damaziana*, *Schinus raddiana*; * Família: Anacardiaceae; * Divisão: Angiospermae; * Origem: Argentina, Paraguai e Brasil; * Ciclo de Vida: Perene

Fonte: IBFlorestas - Madeira Total - Curitiba/PR – Notícias - 13/01/2010 - http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=P_k4stCDPHENY34mpVdiPg

4 - Apicultor alagoano faz mel tipo exportação

José Jakson é um vencedor. Sua empresa, O Cortiço, é uma das maiores do ramo de mel e derivados do país, com produtos vendidos nos Estados Unidos e na Alemanha. Mas quem conhece a história deste empreendedor que nasceu em Piaçabuçu e foi criado em Arapiraca admira sua ousadia e vontade de vencer.

Em 1982, ele viu três colegas do curso de Agronomia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) irem a Recife (PE) para participar de um curso de apicultura. Como não tinha o dinheiro para rachar as despesas com combustível, ficou em Maceió. Jakson não desanimou e convidou os amigos para, juntos, montarem um negócio na área. Foi uma oportunidade de absorver os conhecimentos dos colegas de curso e de iniciar uma atividade empresarial.

O pequeno empreendimento ficava em Lagoa da Canoa. De moto, José Jakson vendia os produtos nas repartições públicas, sala a sala, recebendo no final do mês, dia em que saía o pagamento do funcionalismo. Com o tempo, os sócios deixaram o negócio para se dedicar à carreira pública. “Segui em frente com a apicultura. Tentei fazer concurso público para o Banco do Brasil e para os Correios, mas sempre perdia na prova de datilografia”, conta.

Hoje, dono de uma fábrica que faz produtos conceituados, saboreados por brasileiros, norte-americanos e alemães, tem 32 empregados e está em processo de expansão, Jakson não se arrepende de ter acreditado na apicultura. Seu lema de vida deixa claro que as palavras pessimismo e derrota não fazem parte do vocabulário dele. “Às vezes, quando tudo sai errado, acontecem coisas maravilhosas. E eu aproveito as coisas que teria perdido se tivesse dado certo”, afirma.

O empresário também é um estudioso. Ele costuma dizer que quanto mais estuda, mais percebe que sabe apenas um fragmento no universo do conhecimento. É também um inventor. Em sua fábrica, hoje localizada no bairro de Ouro Preto, 80% das máquinas foram construídas por ele, na oficina que montou no quintal de casa.

Uma de suas invenções, além de conscientizar os colaboradores sobre a importância da higiene, ajuda a manter os produtos livres de contaminação. O sistema somente destrava a porta que permite o acesso dos banheiros à área de produção depois que cada um lava as mãos. Mas é necessário seguir uma ordem: primeiramente, o sabão de mel; depois, o enxágue; e, por último, o álcool em gel. “Nossos colaboradores sabem da responsabilidade que têm com a qualidade dos produtos”, conta.

Responsabilidade — José Jakson sabe da importância ambiental da apicultura. As abelhas são eficientes polinizadoras. Além disso, em áreas desmatadas não há fonte de matéria-prima para produção de mel e própolis. “O apicultor não derruba árvores, nem despeja produtos químicos no meio ambiente. Pelo contrário, ele é um fiscal da natureza”, diz.

Outra preocupação do empresário é com o valor social da empresa. Tanto que enfrentou um dilema quando comprou uma máquina chilena que envasa 1.200 potes por hora. “Fiquei pensando: se utilizar esta máquina, serão seis famílias desempregadas. E todos os empregados são meus vizinhos, de um bairro pobre”, refletiu. O resultado é que a máquina está parada e somente vai ser utilizada quando a fábrica expandir a produção, o que não deve demorar muito. No próximo ano, ele quer exportar a partir de Alagoas, a produção atualmente é exportada por uma empresa cearense. E quer, também, conquistar outros mercados.

Conhecimento e experiência José Jakson já tem. Espírito empreendedor, também. Então não será surpresa ver, em breve, pessoas de várias partes do mundo consumindo mel e derivados “made in Alagoas”.

Fonte: [Alagoas em Tempo Real - Arapiraca/AL – Últimas Notícias - 06/02/2010 - http://miti.com.br/ce2///?a=noticia&nv=gEMfsfVLz7gNY34mpVdiPg](http://miti.com.br/ce2///?a=noticia&nv=gEMfsfVLz7gNY34mpVdiPg)

5 - Mel de Picos tem Certificado em Comércio Justo

A Central de Cooperativas Apícolas do Semiárido Brasileiro - Casa Apis de Picos (PI) recebeu o Certificado em Comércio Justo, também conhecido como Fair Trade. O reconhecimento agregará valor ao mel no mercado internacional, com ganho repassado aos apicultores.

O Fair Trade, que atesta a pureza do mel em relação à presença de agrotóxicos, j`permitiu de imediato à Casa Apis negociar a exportação de quatro contêineres de mel aos Estados Unidos e três para a Europa. A estimativa da Fundação Banco do Brasil é de que Picos produza neste ano 900 toneladas de mel.

Fonte: [Acesse Piauí - Teresina/PI - Home - 06/02/2010 - http://miti.com.br/ce2///?a=noticia&nv=44TX9VQqdpNY34mpVdiPg](http://miti.com.br/ce2///?a=noticia&nv=44TX9VQqdpNY34mpVdiPg)

6 - Os benefícios da geléia real

Por Juliana Lopes - Produzida pelas abelhas jovens para alimentar a rainha, a geléia real tem vários componentes benéficos ao organismo em sua composição, entre eles, proteínas, lipídeos,

carboidratos, vitaminas, hormônios, enzimas e substâncias minerais, o que auxilia no tratamento de doenças pulmonares, do fígado e intestino.

Publicidade - Este alimento não só faz bem à saúde do corpo, mas também da pele e cabelos. "A geléia real é um ativo rico e de grande benefícios à saúde dos cabelos e corpo, pois vem enriquecido com própolis e cera de abelhas. É usada em tratamentos para cabelos que estão quebradiços por conta do excesso de escovas, pranchas e químicas que enfraquecem os fios. Ela estimula crescimento dos cabelos e auxilia na formação da queratina", diz, da VITA-A/cosmiatria natural, que possui uma linha de tratamento com o componente.

Ciara Santos, esteticista facial do do Visage Coiffeur (RJ), explica que ela é usada em máscaras faciais não só para tratar a acne, mas também para reduzir os efeitos do sol. "Ela revitaliza a pele ressecada e descamada por conta dos raios solares, além disso, reduz as manchas, pois tem a função clareadora". Por conta disso, Ciara faz um tratamento facial à base da geléia que consiste na aplicação da máscara em gel por 20 minutos. "É feita a massagem ativadora que estimula a circulação e ativa a produção de colágeno e elastina". Mas antes a pele é limpa e recebe esfoliação.

Fonte: Vila Mulher - Porto Alegre/RS - Beleza - 05/02/2010 - http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=TSx_-VhZUHwNY34mpVdiPg

7 - Irmãs abelhudas vestem roupa com 30 mil insetos

De R 7 - Tendência de moda local não ferra as três irmãs chinesas, donas de um apiário. As irmãs Xinchun, moradoras da zona rural de Jingmen, região central da China, cuidam de um apiário famoso pela qualidade do mel. Para dar uma força na divulgação do comércio, as três moças costumam se apresentar aos visitantes com uma roupa especial. Cada uma delas veste um imponente traje feito com 30 mil abelhas.

Muitos dos que assistem à cena costumam picar a mula só de precaução. Mas as irmãs abelhudas são profissionais do ramo. O pai Liu, de 60 anos, ensinou as filhas a se cobrir com os insetos. - A roupa de abelha é muito confortável e geladinha, diz uma das irmãs, que não revelou o nome para o jornal britânico The Sun. Elas não se cobrem de mel para fazer a performance. - A gente tem uma técnica para atrair a abelha rainha. Depois, as outras da colmeia vão atrás dela. Liu, o papai abelhão, garante que a família ficou imune ao veneno - leve, segundo ele - das picadas dos bichos.

- Minhas filhas só ficam com uma ou outra ferroadinha, por causa da confusão de abelhas juntas. São animais bonzinhos. De qualquer maneira, Liu promete não mostrar a nova coleção de roupas de abelhas na próxima edição do badalado Pequim Fashion Week.

Fonte: Portal_R7_-_Economia_-_08/02/2010 <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=aR3w5oUu468NY34mpVdiPg>

8 - TO: pesquisa pretende identificar plantas que favorecem a apicultura tocaninense

Palmas/TO - A apicultura está em expansão no Tocantins. Segundo estimativa da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para o ano de 2010 espera-se que a produção alcance a marca de 300 mil toneladas. Para contribuir com esse desenvolvimento, o biólogo Eduardo Ribeiro dos Santos, pesquisador da Unitins – Fundação Universidade do Tocantins - estuda a flora apícola na região do ribeirão São João, ao sul de Palmas.

O biólogo explica que para uma planta ser considerada apícola ela deve ser abundante na região, florescer abundantemente e por um período prolongado e possuir néctar e/ou pólen acessíveis às abelhas. “A ideia é conhecer quais abelhas visitam determinada planta”, disse o pesquisador. Para isso, a cada quinze dias serão feitas coletas de abelhas num trecho demarcado utilizando rede entomológica para serem analisadas em laboratório.

Em relação ao estudo da flora, em cada levantamento serão coletadas amostras férteis das plantas visitadas pelas abelhas que serão identificadas posteriormente. “O estudo detalhado das plantas que ocorrem numa determinada região, sua frequência, época de florescimento e as características do pólen podem auxiliar na determinação das espécies vegetais que contribuíram para a composição final do mel produzido naquela região”, ressaltou Santos.

O biólogo destaca que esse inventário da flora apícola deve ser regional, já que as espécies consideradas excelentes produtoras de néctar em uma região podem não ser em outra. “Essas informações podem subsidiar os apicultores tocantinenses quanto ao manejo dos apiários, pois o conhecimento da flora apícola dessa região pode facilitar a identificação, preservação e multiplicação das espécies vegetais mais importantes para a produção de mel”, revelou.

A pesquisa faz parte do Programa de Iniciação Científica da Unitins e conta com a participação do estudante de graduação Rondinelli Benicio Silva, bolsista do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O projeto é vinculado ao Projeto Sub-bacia São João, financiado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Ambiental. O material coletado será guardado no Museu de Entomologia e no Herbário da Unitins e vai servir de acervo para pesquisas futuras.

Fonte: Página Rural - Porto Alegre/RS - NOTÍCIAS - 09/02/2010 - http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=2YxlGWw_cMcNY34mpVdiPg

9 - Site interessante

<http://www.flo-cert.net/flo-cert/index.php> - CERTIFICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

FLO-CERT GmbH é uma organização independente International Certification Empresa prestadora de serviços de certificação de Comércio Justo para clientes em mais de 70 países. Como tal, uma empresa que ajudar no desenvolvimento sócio-econômico dos produtores no Sul global e ajudar a promover relações de longo prazo e de boas práticas com os comerciantes de produtos certificados Fairtrade.

A certificação oferece uma garantia aos consumidores de produtos de Comércio Justo certificado de que eles estão contribuindo para o desenvolvimento econômico-social de pessoas através de suas compras. Estamos em todos os momentos plenamente conscientes da nossa missão: Desde seu início o objetivo primário na FLO-CERT é fornecer um sistema de certificação credível e transparente para ser confiável.

A FLO-CERT é a missão: contribuir para o desenvolvimento social e econômico dos agricultores e dos trabalhadores do Cone Sul, através de um sistema de certificação credível e competente. FLO-CERT tem definida a política de sua empresa com base em 3 objetivos principais:

1. Realizar um sistema de certificação profissional, credível e serviços para facilitar o acesso aos produtores e trabalhadores estáveis no cone sul das vantagens de ser certificados Fairtrade. 2.

Sempre certifique-se que os nossos clientes, produtores e comerciantes de receber um serviço da mais alta qualidade que podem confiar e com quem eles estão satisfeitos. 3. Fornecer ao consumidor a garantia de que os critérios do Comércio Justo são estritamente controlados, dando credibilidade e durabilidade para o mercado de Comércio Justo.

10 - Produção de mel em Ortigueira é case de sucesso na AgroEx, em Londrina/PR

O Projeto do Mel de Ortigueira, uma iniciativa apoiada pelo Sebrae/PR e outros parceiros, será apresentado como case de sucesso, durante o 31º Seminário do Agronegócio para Exportação (AgroEx), que acontece no próximo dia 5 de março, a partir das 8h30, em Londrina.

O Sebrae/PR apoia os apicultores do município desde 2007. A entidade estimulou a revitalização da Associação de Produtores de Mel de Ortigueira (Apomel) no início de 2009. Hoje, a Apomel reúne cerca de 50 associados que são responsáveis por 90% em média da produção total de mel no município, 6% da produção total de mel no Paraná e 0,6% no Brasil. Além do case do mel, também será apresentado, durante o evento, o Programa Cafés Especiais do Norte do Paraná, que nasceu da articulação entre o Sebrae/PR e entidades e tem mudado para melhor a realidade das propriedades rurais e fazendas produtoras de café da região.

O AgroEx é uma iniciativa da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). O objetivo do evento é disseminar informações que estimulem a participação do agronegócio brasileiro no mercado internacional. O presidente do Sindicato Rural Patronal de Londrina, Narciso Pissinati, conta que os cases escolhidos são exemplos dos resultados alcançados pela mudança de postura dos produtores rurais da região. Ele acredita que a produção agrícola da região norte do Paraná tem grande potencial para ser exportada.

“O objetivo do evento é desfazer alguns mitos e mostrar aos participantes as vantagens da exportação. A falta de conhecimento impede que muitos produtores apostem nesse canal de comercialização”, diz Narciso Pissinati. Durante o AgroEx, diz o dirigente, serão mostrados os procedimentos para realização das exportações e as exigências dos principais países importadores. “A exportação, além de alavancar a comercialização, estimula a adoção de novas tecnologias e resulta em mais qualidade da produção e melhor gestão”, esclarece.

Para Fabrício Pires Bianchi, consultor do Sebrae/PR em Ivaiporã e gestor do Projeto do Mel do Município de Ortigueira, o AgroEx é uma grande oportunidade para a divulgação dos avanços da apicultura na cidade e do planos para impulsionar o setor. “Nossa proposta é estimular a cooperação e promover ações que resultem em valor agregado ao produto, transferência de tecnologia, melhoria da gestão e comercialização. Em parceria com outras entidades, incentivamos o desenvolvimento tecnológico, a conquista de certificações, obtenção de indicação geográfica e a realização de análise laboratorial para identificação do mel produzido em Ortigueira”, assinala Fabrício Bianchi.

São aguardados cerca de 1,5 mil participantes durante o AgroEx. Essa será a primeira vez que a presidente da Apomel, Ana Mozuski Kutz, falará sobre a realidade da apicultura de Ortigueira para uma platéia tão expressiva em número. “É um desafio, mas sei da importância de mostrar nossa experiência. Os produtores da nossa região são simples e estão buscando qualificação. Neste ano, estão programadas várias ações para promover o desenvolvimento da apicultura no município. São acontecimentos que não seriam possíveis sem o empenho das entidades que nos apoiam”, conta.

A agente local de inovação que acompanha o Projeto do Mel, Mônica Kuraoka, conta que a produção média da Apomel é de 250 mil quilos anuais. Ela lembra que, no ano passado, o granizo e

as chuvas intensas provocaram a queda da produção. Atualmente, a agente local, treinada pelo Sebrae/PR e pela Fundação Araucária, desenvolve estudos de casos com base na história da Apomel e no progresso dos apicultores. O AgroEx é destinado a produtores rurais, distribuidores, cooperativas, associações, agroindústrias, distribuidores, exportadores, instituições de apoio ao agronegócio e potenciais exportadores. O evento será realizado no Parque Governador Ney Braga, que fica na Avenida Tiradentes, 6.275, em Londrina. As inscrições para o Seminário são gratuitas e devem ser efetuadas no www.agricultura.gov.br.

Sebrae/PR - O Sebrae/PR - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Paraná é uma instituição sem fins lucrativos que foi criada para dar apoio aos empresários de pequenos negócios. No Brasil, são 27 unidades e 750 postos de atendimentos espalhados de norte a sul do País. No Paraná, 5 regionais e 11 escritórios. A entidade chega aos 399 municípios do Estado por meio do atendimento itinerante, pontos de atendimento e de parceiros como associações, sindicatos, cooperativas, órgãos públicos e privados.

O Sebrae/PR oferece palestras, capacitações empresariais, treinamentos, projetos, programas e soluções empresariais, com foco no empreendedorismo, setores estratégicos, políticas públicas, tecnologia e inovação, orientação ao crédito, acesso ao mercado, internacionalização, redes de cooperação e programas de lideranças.

Fonte: Sebrae - PR - Data: 09-02-2010 - Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo do Governo Municipal de Ortigueira. - Fone: 42.32772395

11 - COMENTÁRIOS DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DA CBA SOBRE A REPORTAGEM DO PROGRAMA DO FAUSTÃO SOBRE AS ABELHAS AFRICANIZADAS COMO O ANIMAL MAIS PERIGOSO DAS AMÉRICAS, EM 31/01/2010, E SOBRE O PAPEL DAS ABELHAS APIS MELLIFERA (ABELHAS AFRICANIZADAS) NA APICULTURA E NA AGRICULTURA.

1. - A abelha não é o animal que mais mata. Depois do homem, o animal que mais mata é o pernilongo, responsável por dois a três milhões de mortes/ ano no mundo, principalmente por causa da malária (dados do CDC – Centro para Prevenção e Controle de Doenças dos EUA e o AMCA – Associação Americana para o Controle de Mosquitos); esta doença também mata muita gente no Brasil.

Nos EUA, cervos provocam a morte de uma média de 130 pessoas/ano, enquanto que abelhas matam em torno de 50 pessoas/ ano por causa de alergia às picadas. Apesar de todo o alarde, as abelhas africanizadas nos EUA têm sido responsável por 1-2 mortes/ ano. Essas abelhas chegaram aos EUA em 1990.

2. - As abelhas africanizadas não foram criadas em cativeiro, nem inventadas no laboratório. As abelhas africanizadas surgiram no campo no Brasil. Abelhas africanas, mantidas em um apiário experimental localizado em Rio Claro, SP, desde 1956, escaparam em 1957. Estas abelhas foram trazidas da África e cruzaram-se com abelhas Apis mellifera européias, que já haviam sido introduzidas anteriormente no Brasil (com a vinda da família real para o Brasil). O resultado destes cruzamentos nos apiários e na natureza foi uma abelha com características diferentes das outras já conhecidas, e que foi então chamada de abelha africanizada (AHB=Africanized Honey Bee). Este processo de africanização ocorreu no Brasil, na natureza, de 1957 até o final dos anos 70 com maior intensidade , e hoje na natureza somente existem abelhas africanizadas.

3. A abelha africanizada não é uma nova espécie – é o produto do cruzamento da abelha Apis

mellifera da África (*Apis mellifera scutellata*) com raças de abelhas européias. Devido ao clima tropical e subtropical do Brasil, predominam as características das abelhas africanas. A reportagem refere-se a esta abelha como uma espécie que não existia. Entretanto, a espécie *Apis mellifera* abrange tanto as abelhas africanas, como as européias; havendo fósseis das abelhas desta espécie com cerca de 35 milhões de anos.

4. O grande número de enxames produzido pelas colônias de abelhas africanizadas foi mencionado. No entanto, embora as colônias dessas abelhas se multipliquem através de enxameação, o número de colônias em uma determinada área se mantém estável por causa de limitações ambientais de comida e abrigo, que é natural a qualquer animal que tem uma vida silvestre. A expansão das áreas agriculturáveis sem a manutenção da reserva legal expulsa as abelhas do campo, com a conseqüente entrada de enxames na cidade, onde encontram locais de nidificação abundante e disponibilidade de alimentos.

5. Quando as abelhas sentem um perigo, o objetivo principal delas é proteger o ninho, afastando o agressor. Algumas abelhas ferream o intruso, e em seguida morrem. Mas ao deixarem o ferrão no inimigo, este fica ligado a uma pequena glândula que solta um perfume (feromônio de alarme), que atrai outras abelhas da colméia para o mesmo local. Se o agressor não for embora, mais abelhas vem ferrear, aumentando a quantidade de feromônio de alarme. Por isso, uma pessoa, ao ser atacada, deve se afastar o mais rápido possível. O ataque focalizado na entrevista, na região do rosto do cinegrafista, foi devido à filmadora de cor negra, que estimula a agressividade das abelhas. Na verdade as abelhas não priorizam o rosto; elas tendem a atacar áreas escuras. No vídeo exposto na televisão as abelhas não atacaram as pernas e botas do cinegrafista porque estas eram brancas, tendo sido possível observar o ataque delas em todas as partes escuras da câmara e da máscara de apicultor que apresentava tela de malha escura. Se o cinegrafista estivesse com calças, meias ou sapatos escuros, certamente as abelhas iriam atacar estas áreas também. Quando possível as pessoas tem que se afastar rapidamente e, de preferência, em zig-zag ou passando por vegetação alta para despistar as agressoras. Outro método é tentar entrar em algum lugar protegido como, por exemplo, um carro e fechar todos os vidros, ou em uma casa ou outro abrigo escuro.

6. Para uma pessoa alérgica basta uma picada para ocorrer uma reação, inclusive pode haver um edema de glote, o que impede a pessoa de respirar, podendo ocorrer sua morte caso não seja atendida em tempo. O mesmo ocorre para uma ferroadada de vespa e de outros insetos que tem ferrão, no caso de indivíduos muito sensíveis aos venenos liberados.

7. Foi dito que o enxame carrega a rainha, o que nunca ocorre. Na verdade, a rainha também voa junto com o enxame, quando a colônia se divide ou migra.

8. A reportagem mencionou que as abelhas africanizadas mataram 200 pessoas no México em 5 anos, logo que chegaram naquele país (40/ano). Nesta mesma época, a mortalidade naquele país por causa de escorpiões foi em torno de 2.000/ano. No entanto, à medida que os apicultores e o público aprenderam a lidar com as novas abelhas, os ataques diminuíram muito. Atualmente, o número de mortes por ano por causa das abelhas Africanizadas é de em torno de 6 (registros nos anos 2006-2009). Estes são dados oficiais do programa da abelha da SARH (Secretaria da Agricultura e Recursos Hidráulicos do México). Os escorpiões continuam matando muito mais gente no México do que as abelhas.

9. Há um trecho da reportagem que fala da competição por locais de nidificação no pantanal, reduzindo os locais para pássaros e periquitos nidificarem. Isto pode estar realmente acontecendo, porém é um reflexo direto do desmatamento e das expansões de áreas de culturas. A retirada das

árvores grandes acaba diminuindo o número de cavidades naturais onde tanto os pássaros como as abelhas nativas brasileiras (sem ferrão) e as abelhas africanizadas podem fazer ninhos.

10. É importante ser comentado que o público que assistia à entrevista, no auditório, ao ser argüido sobre qual o animal que mais mata no Brasil, jamais se referiu às abelhas. Na verdade as abelhas africanizadas infelizmente já causaram vários óbitos de animais e seres humanos no Brasil desde sua chegada ao país, principalmente nas décadas de 60 e 70, porém nas últimas três décadas felizmente os acidentes se reduziram consideravelmente. Esta redução de óbitos deu-se devido ao melhor conhecimento e manejo dessas abelhas, não sendo mais motivo de alarme, como o que ocorreu na recente entrevista na TV, embora acidentes podem continuar ocorrendo principalmente por negligência. Atualmente o público reconhece a importância das abelhas como polinizadores de cultivos e produtoras de mel, própolis e pólen, produtos valorizadas para a saúde humana.

COMENTÁRIO SOBRE O PAPEL DAS ABELHAS APIS MELLIFERA (ABELHAS AFRICANIZADAS) NA APICULTURA E NA AGRICULTURA BRASILEIRA

A apicultura brasileira pode ser dividida em duas fases. A primeira correspondeu ao período anterior ao da introdução das abelhas africanas (*Apis mellifera scutellata*) no país em 1956. Esta fase se caracterizou por uma atividade de criação de abelhas *Apis mellifera* vindo da Europa e explorada principalmente como hobby. Estas abelhas, pouca adaptadas ao nosso clima, apresentavam baixa produtividade de mel (produção nacional de mel do Brasil na época não era superior a 5.000 toneladas/ano). A segunda fase ocorreu após a introdução das abelhas africanas em 1956, até os dias atuais, que correspondeu ao período de africanização (cruzamento das abelhas africanas com as raças européias que aqui foram introduzidas anteriormente) e dispersão pelas Américas.

Esta segunda fase teve inicialmente um impacto muito negativo, com baixa produção de mel, muitos acidentes e abandono da atividade apícola por parte de muitos apicultores, devido à falta de experiência de como manejar essa nova abelha híbrida da raça africana e da européia. Nesta ocasião, ocorreram sérios problemas sociais devido principalmente à sua alta agressividade. Gradativamente os apicultores foram se adaptando à nova abelha resultante destes cruzamentos naturais, conhecida como a abelha africanizada (poli-híbrido entre as africanas e as européias, não havendo hoje outro tipo de abelha no país).

Atualmente a Apicultura no Brasil encontra-se em franco progresso. A agressividade das abelhas (hoje vista como a capacidade de defesa) já não é tema principal nos congressos brasileiros de apicultura, sendo as abelhas africanizadas brasileiras consideradas como boas produtoras de mel e altamente resistentes a doenças. Devido a essas características, o país não precisa investir na compra de acaricidas nem de antibióticos, dessa forma a grande parte da produção apícola nacional é de mel orgânico por não apresentar resíduos químicos.

Nos últimos 20 anos a apicultura desenvolveu-se muitíssimo em todo o Brasil, principalmente nos estados do nordeste (Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia, etc.) considerados hoje como “o mar de mel do país”. Atualmente o Brasil é um grande produtor e exportador de mel, com uma produção anual de 50.000 toneladas /ano, sendo incluindo entre os grandes exportadores do produto (em 2009 foram exportadas 26.000 toneladas de mel). O nordeste brasileiro é responsável por aproximadamente 30% das exportações de mel do país, o que traz uma renda extra ao habitante local.

Por outro lado, é muito importante ser destacado que o maior papel das abelhas *Apis mellifera* para o homem não é a sua produção de mel e sim o seu trabalho de polinização das plantas. As abelhas,

voando de flor em flor, para buscar o néctar e o pólen para a sua alimentação e de suas crias, também realizam um importante serviço ambiental: a polinização das flores, que resulta na fecundação e no conseqüente desenvolvimento de frutos e sementes. Por isso, as abelhas são muito utilizadas para a polinização agrícola.

Somente nos Estados Unidos as abelhas *Apis mellifera* polinizam 95 culturas diferentes, o que significa um rendimento de US\$10 bilhões/ano. Este resultado, em termos monetários, é muito significativo, especialmente quando comparado com a produção de mel para os apicultores, avaliada em US\$ 200 milhões por ano. Na medida em que a sociedade se conscientiza desta situação valoriza-se a utilização das abelhas para a polinização. Este quadro evidencia que, no futuro, haverá uma grande demanda de abelhas para a polinização agrícola.

Os serviços ambientais prestados pelos polinizadores, entre eles as abelhas melíferas, são enfatizados e estudados por especialistas de todo o mundo. O declínio das abelhas melíferas no Hemisfério Norte e o fenômeno do desaparecimento das abelhas são motivos de preocupação pelos tomadores de decisão ligados à agricultura e segurança alimentar. Afinal, este serviço é responsável, globalmente, por 9,5% do valor da agricultura mundial.

O declínio global dos polinizadores tem sido tema de vários estudos e ações específicas, como a Iniciativa Internacional de Polinizadores, aprovada pela Convenção da Diversidade Biológica em 2000. Um destes estudos, entretanto, nos pareceu muito oportuno divulgar nesta ocasião. Segundo os dados da FAO (Food and Agricultural Organization, das Nações Unidas), as colônias de *Apis mellifera* manejadas tanto para produção de mel quanto para uso na polinização aumentaram globalmente cerca de 45% desde 1961, apesar do enorme declínio recente das colônias dos Estados Unidos (35% só em 2008) e na Europa. Entretanto, o crescimento da agricultura dependente de polinizadores é maior do que 300% nos últimos 50 anos! Em países menos desenvolvidos, onde há grande produção de frutas e legumes, esta dependência é ainda maior.

Infelizmente o homem está destruindo a natureza, devastando-a e utilizando agrotóxicos que acabam dizimando as abelhas, causando inclusive o seu desaparecimento ou morte, fenômeno atualmente conhecido como “colapso das abelhas ou desaparecimento das abelhas”. Várias são as causas desse colapso, porém de suma importância são os agrotóxicos, principalmente os neonicotinóides usados na agricultura em vários países, inclusive no Brasil.

O desaparecimento das abelhas tem sido um tema amplamente discutido em várias partes do mundo, tendo sido motivo inclusive de reuniões especiais de cientistas de várias partes do mundo, como ocorreu recentemente nos dois últimos congressos da Federação Internacional de Apicultores - Apimondia ocorrido na Austrália (2007) e na França (2009). A convenção da Diversidade Biológica também vai tratar deste tema na reunião COP10. Neste ano, quando comemoramos a Biodiversidade, vale a pena uma reflexão profunda sobre o assunto aqui abordado. Convidamos a todos que considerem a importância dos serviços ambientais executados pelas abelhas, e o valor de seus produtos para o homem e para as áreas naturais.

Fonte: CBA – "CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE APICULTURA" <cba.todos@gmail.com>
10/02/2010 - José Corrêa da Cunha – Presidente - jgcc@terra.com.br - (51) 3308.7411

SEAB
DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br -
fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@seab.pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br